

A JURITY

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redactoras chefe:—Lavinia Meirelles e Romualda C. Dina.



ANNO I.

S. Paulo, 20 de Setembro de 1904.

NUM. I.

Jurity

Jil-a, queridas collegas, que de seus trinos suas embalsama os nossos magestosos sertões.

Cançada de repetir os mesmos gorgeios, quer ella tambem tomar parte no progresso de sua querida patria, e vem pedir-vos minhas gentis e illustres estudantes, novas musicas.

Novos gritos e saudações patrioticas para o despontar da aurora; para os campos perfumados, para as horas brilhantes do sol! Novas notas melancolicas e doces para o declinar do dia, hora suave do crepusculo.

Quer novos cantos para convidar suas collegas, as avezinhas, afim de festejar a natureza; novos cantos para sentir suas faltas! quer muitos e muitos cantos para ensinar aos habitantes das florestas tudo o que vós, minhas queridas, aprendeis de vossos dignos professores. Tudo a Jurity quer saber; Historia Patria, Geographia, Gramatica, Geometria, Arithmetica, Francez, Algebra, Gymnastica, Desenho, Lições de civilidade, tudo quer saber.

Foi incumbida pelos habitantes das florestas para vir procurar perto de vós

os elementos de civilização que lá faltam.

Não tenhais receio, queridas collegas, a Jurity nada sabe, mas quer muito aprender, por isso pede-vos muita paciencia e desculpas se não for algumas vezes muito attenciosa ás vossas lições.

Faço os maiores votos para que a nossa gentil «Jurity» seja muito feliz entre nós, que aprenda muito e muito, que aproveite bem de vossas lições, a fim de que tambem as nossas avezinhas do Brasil, sejam as primeiras do mundo.

Viva a Jurity, que pensou tão bem em vir visitar-nos! Viva!...

S. Paulo, 20 de Setembro de 1904.

ROMUALDA C. D.



CUMPRIMENTOS

Que palavras havemos de usar para expressar o immenso jubilo que faz palpar tão docemente o nosso coração, quando a aurora de 12 de Setembro inunda de luz o pallido horizonte, annunciando um dia de gala, de festa e de alegria.

A natureza toda garrida; esbelta e risonha, num amplexo fraternal, saúda o nosso propecto Inspector Sr. ARNALDO BARRETO.

Uma data tão cheia de

glorias, tão memoravel, não pode passar desapercibida pela *Jurity*, que reconhecida e jubilosa, aqui deixa exarados os mais sinceros e cordeaes cumprimentos ao muito digno e conspicuo Inspector Sr. ARNALDO BARRETO.

Os tres exilados

Banidos cruelmente da Patria que idolatravam, cumpriam sua pena em terras longiquas tres infelizes. Accusados do mesmo crime e condemnados ao mesmo supplicio eram os tres inseparaveis.

Decorreram meses, annos no mesmo modo, soccorriam-se mutuamente, o quanto permittiam as circumstancias, compartilhavam da mesma sorte.

Certa noite, passado já muito tempo de sua vida amargurada, estavam numa casinha toscamente construida por elles, conversando sobre o viver nostalgico que levavam distante do que lhes era tão caro como a vida — a Patria.

Um silencio sepulchral envolvia a terra, entrecortado pelo ciciar das folhas e pelo zephiro frio que soprava.

Desolados choravam o seu Paiz que estremeciam, a mãe e a familia que idolotravam.

Batem de repente á porta. Era um amigo que não esperavam tornar a vel-o. Este viera encher os de satisfação, pois n'outro dia ia conduzil-os á Patria, e restituil os á familia.

De facto, no dia seguinte, os tres proscriptos deixavam o exilio, lugar de supplicio.

Dias depois entravam na bahia de sua terra natal, depois de atravessar os profundos peges do oceano o impellidos por ventos galernos em vez dos tormentos do mar revolto.

ANILEDA

Sete de Setembro de 1822

Depois da nomeação de D. Pedro como defensor perpetuo do Brasil, foi chamado para o ministerio Martim Francisco de Andrada, irmão de José Bonifacio.

Por este, D. Pedro mandou recommendar ao povo união: «Não se ouça entre vós, disse, outro grito que não seja independencia. Formem todos os nossos o feixe que nenhuma força pôde quebrar.

Ordenou em seguida que fossem consideradas inimigas as tropas portuguezas que ficassem no Brasil sem sua permissão, e divulgou um manifesto a todas as nações explicando o seu proceder. Declarou tambem que os portos do Brasil continuavam abertos ao commercio estrangeiro.

Depois destas medidas decretadas, dirigiu se D. Pedro para S. Paulo, onde estabeleceu concordia, cuja falta ia produzir sérios conflictos.

Dalli passou a Santos afim de inspeccionar as fortificações. De volta para S. Paulo, recebeu na beira do Ypiranga, ás 4 1/2 horas da tarde no dia 7 de Setembro de 1822, alguns despachos em que Portugal dava por nullos todos os actos do Governo Brasileiro.

A voz dos oppressores tornava-se insupportável.

As cadeias da escravidão não podiam por mais tempo pezar sobre o Brasil.

A's 4 1/2 horas da tarde deste grande dia na margem do Ypiranga, ao ler os depachos da Côte, D. Pedro soltou o grande brado de «Independencia ou Morte! repetido pelos bravos que o rodeavam, e repetido pelo povo inteiro.

Sois livres brasileiros! raiou o dia em que deveis apparecer á face do mundo com o nome de uma nação! Cahiram por terra os grilhões que ha tantos annos pezavam nos vossos corações!

Muitos delles verteram seu sangue pela tua liberdade; não os esqueça, ó Patria, nestes dias de tua felicidade! Se ha longos annos gemias no captivo, ha longos annos que elles vertiam seu sangue, morriam no exilio, no fundo dos carceres, no patibulo dos teus oppressores, só pensando em livrar-te!

Evoca a alma desses grandes vultos! Tiradentes, Gonzaga, Claudio M. da Costa, Alvarenga, Peixoto, José Bonifacio e Martim Francisco de Andrada!

Curva a frente, ó povo brasileiro sobre o tumulo destes teus filhos, cubra de flores e palmas o patibulo infamante, onde o despotismo os immolou!

E' hoje o dia de teu triumpho ó Brasil! E' tambem destes heróes que com tanto valor verteram seu sangue pela tua salvação, que o nome entrelaçado com o da Liberdade abençoados passarão de seculos em seculos, de geração em geração!

S. Paulo 7 de Setembro de 1904.

ROMUALDA C. D.

Os bons livros

Vagueia o nosso espirito nas sombras da ignorancia, tolhido a cada passo pela duvida e a incerteza, enquanto não procura esclarecer-se com a luz emanada dos bons livros.

Nelles é que se encontra a sciencia, como todos os conheci-

mentos humanos em suas multipas divisões.

São elles que amam e admiram todos os phenomenos mais interessantes da Natureza. E' nelles que se descortina esse véo espesso que envolve nossa intelligencia.

E' por seu intermedio que collocamo-nos em contacto com os elevados talentos e recebemos lições de innumerados mestres.

Assim tambem põem-nos ao par da vida de nossos precedentes que souberam elevar se na ordem social servindo-nos agora de exemplo e estimulo.

ANILEDA

Jurity

CASIMIRO DE ABREU

Na minha terra, no bolir do matto
A jurity suspira

E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
A' beira do caminho;
—Talvez perdida na floresta ingente
A triste geme nessa voz plangente
Saudades do seu ninho!

Sou como a pomba, e como as vozes della
E' triste o meu cantar;
Flor dos tropicos—cá na Europa fria
Eu definho chorando noite e dia
Saudades do meu lar!

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade;
Hymno de augustia, fervido lamento,
Um poema de amor e sentimento
Um grito d'orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
A pomba faz o tiro...
A' alla acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe mor.e nos gentis soluços,
No final suspiro!

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sozinho, a voz desfallecida
Dormir no meu jazigo.

E morta, — a pomba nunca mais suspira
A beira do caminho;
E como a jurity,—longe dos lares,—
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho!

S. Paulo, 4 de Setembro de 1904.

Na praia

Quando na praia a brisa murmura
Doces queixumes de tristeza infinda,
Minh'alma toda triste e lacrimosa
Via e revia tua imagem linda.

Na belleza ideal, daquelle quadro,
Puro e singelo como um rir de fadas
Aos meus ouvidos attentos, retinia
O meigo som de tuas limpidas risadas.

Tudo fallava-me de ti, oh ser divino,
O firmamento azul, a vasta Natureza,
Das bellas avesinhas o mavioso hymno.

Então, curvando a fronte, á crua realidade
Em presença do céu—conjuncto de belleza
Exalei, gemendo um suspiro de saudade

C.

EM UM CEMITERIO

Era de tarde.

Lentamente dirigi meus passos
para o cemiterio, levando um deli-
cado bouquet para depôr na sepul-
tura de um ente bem querido
minha Mãe.

Ajoelhando-me aos pés de seu
tumulo, e levei uma prece ao Crea-
dor, rogando-lhe, pela alma d'A-
quella que tão boa fôra em vida
e pedindo-lhe que olhasse para
meus irmãosinhos, para mim, em-
fim, para o meu Pae acabrunhado
por uma intensa dôr.

Tinhamos que partir no dia
seguinte; pensando nisto senti-me
opprimida por uma grande af-
licção; pois não poder sequer de-
por uma flor na sepultura de um
ente tão querido!...

Como a religião ordena, con-
solei-me, lembrando-me que ha um
poderoso Deus que bem sabe o
que faz.

Afinal o canto de um mocho
pousado em uma cruz, fez-me
lembrar que já se ia fazendo
tarde.

Retirei-me levando em meu
coração a tristeza e a saudade.

D.

VISÃO

Eil-a que surge envolta no cre-
pusculo matutino de 20 de Se-
tembro.

Encantadora como a bella Ve-
nus, traz na fronte verdes louros,
d'entre os quaes se destacam em

letras doiradas as seguintes pa-
lavras:

O futuro da Patria aqui está.

Em sua dextra tremula o es-
tandarte da Ordem e Progresso.

Seus pés calçados na sciencia
pisam as trevas da ignorancia e
do erro.

Sorridente recebe as sauda-
ções dos passarinhos; os beijos
dos zephiros que de leve passam;
e o cortejo da aurora que vem
rasgando o veu do Oriente.

Oh! linda Visão quem sois e
donde vos vem tanto encanto?

Ella sorrindo respondeu-me:

Eu sou a Juruty que trago ás
2.º annistas o desenvolvimento
intellectual.

O' bella Juruty aceitai tam-
bem as minhas saudações. Não
tenho flores de rethorica para vos
offerecer, mas trago-vos as flores
modestas, que são as expressões
sinceras do meu coração.

JENNY LEME.

A MUSICA

O que é a musica?

A musica é uma voz
suave, com que os anjos
fallavam ao Creador.

E' o que ha de mais bello,
mais sublime, mais valioso,
entre os diversos predicados,
com que Deus dotou o mun-
do.

A musica, uma das bellas
artes, é talvez d'entre todas
a mais bella.

Se a esculptura e a pin-
tura fallam aos sentidos,
a musica, falla ao coração.

Quem é que ao ouvir
os preludios d'uma valsa,
não sente sua alma exta-
siar-se, e voar para as re-
giões chimericas, em que
nos leva o pensamento? Só
quem tem um coração in-
sensível, é que ouve uma
opera de Rossini, etc. sem
commover-se, vem subita-
mente sentir uma sensação
estranha, apoderar-se de si.

Em breve, ella se asse-
nhoreia dos nossos sentidos,
deixando-nos insensíveis a
tudo, que se passa em redor
de nós.

A creança ao ouvir os
sons d'uma musica, sente
seu pequenino coração pul-
sar com violencia, o demente
que no seu maior estado de
loucura ouça os sons d'uma
orchestra immediatamente
acalma-se. Que mostra tu-
do isto? Que todos somos
sujeitos aos effeitos da Mu-
sica.

Se a pintura tornou ce-
lebres Raphael, Ticiano etc.
a Musica immortalisou Ros-
sini, Verdi Bellini, etc.

Emfim a Musica domina
até os irracionaes. E exis-
tirá cousa mais bella, que
uma opera bem executada
por mãos habeis?

No meu pensar, acho
que não.

GERTRUDES DA SILVA.

Descrição de um passeio

O relógio soava 4 horas
da tarde quando sahimos de
casa.

O tempo não podia es-
tar mais agradável! O sol
deitava um derradeiro cla-
rão sobre nós; os passaros
todos contentes despediam-
se do dia com os seus trinaes
melodiosos.

Sahimos com destino ao
cafezal da fazenda que por
esse tempo achava-se co-
berto de delicadas florinhas
brancas muito odoríferas;
ahi andamos muito até que
por fim fomos dar no pasto
da fazenda, que achava-se
coberto com uma linda grã-
ma verde e muito macia;
ahi parámos um pouco a fim
de descansar-mos e seguimos
depois o caminho.

Depois de termos cami-
nhado mais de uma hora
chegámos emfim no ponto
destinado ao passeio, este
era o moinho da fazenda.

Logo que chegamos o
director deste veio nos com-

primenter e offerecer-nos cadeiras para descansar o que aceitamos.

O panorama que esse bello logar nos apresentava é-me impossivel descrevel-o porém darei apenas algumas ideias.

A agua chrystalina que tocava a roda do moinho sahia de uma barreira muito alta, que ao cahir fazia um estampido muito forte.

Beirando a agua seguia-se do lado direito uma vasta planicie onde havia diversas plantações; ao lado esquerdo uma espessa mata virgem.

Ahi estivemos contemplando a quéda da agua, os lindos peixinhos prateados entre as escumas produzidas pela quéda da agua e tambem a distribuição de fubá e farinha aos colonos; até que o som mortuario do sino da capella dessa mesma fazenda veio nos despertar a lembrança da noite. Foi então que voltamos a casa, onde chegámos ás 7 horas da noite contentes pelo agradável e lindo passeio que fizemos.

I. AGUIRRE.

O livro

E' o livro a chave de todas as sciencias. E' elle que prepara centenas de pequenos patriotas que mais tarde trabalharão pelo engrandecimento deste torrão fecundo chamado—Brasil.— E a quem devemos este util objecto? A quem devemos? Este insigne melhoramento, este pharol que brilha entre as trevas da ignorancia como uma estrellá em noite escura, devemos á intelligencia e dedicação do grande Guttenberg. Um bom livro é o mensageiro que conduz pequeni-

nas almas que ainda ensaiam seus vãos indecisos pelo caminho da vida, afim de trilharem sempre pelo caminho do Bem e da Verdade. Necessitam pois estes frageis corações de um guia que os conduza pelo caminho da felicidade, isto é praticando sempre boas acções e trabalhando sempre em pról do engrandecimento da Patria.

E quem será pois este guia de que tanto necessitam? Quem não reconhecerá este grande pharol? Ah! este lemna, este guia, este pharol que necessitam é o livro; a grande chave da sciencia que nos descortina vastos e longinquos horisontes. O livro é o relicario de Minerva, o livro é o gazophylaceo e finalmente é o livro o mensageiro de todo a arte e do todo o bem. Foi o livro, queridos amiguinhos, que deu ao nosso Brasil tantos homens illustres como os inesqueciveis Cesarino Motta, Caetano de Campos e tantos outros que occupam lugares nobres na historia de nossa Patria. Foi ainda o livro que levou Santos Dumont o intrepido brasileiro a resolver o custoso problema da navegação aerea. E' pois o livro este archote luminoso que dá vigorosos impulsos a nossa civilisação. Assim como bocças famintas procuram o pão para saciar sua fome, assim tambem devem os ignorantes procurar o pão da intelligencia o livro para saciar a fome do saber. E' pois o livro o tenaz que cada creança deve empunhar e assim armado ir contra as trevas da ignorancia e combatel-as até que no horisonte da vida brilhem as chamas vivificantes do saber.

MARIA B. PINTO.

A minha Mãe

A tarde é muda, nostalgica e sublime.

Erra nos ares um não sei que de grave e melancolico, como a ultima nota dum derradeiro canto, pleno de amor e magia.

A briza brandamente ondeia no ar embalsamada, roçando meus cabellos, meiga, vaporosa qual delicado bando de sylphides graciosas, pousando inquietas a aridez das praias.

Pouco a pouco o sol desaparece e um silencio mysterioso espalha-se em meu redor.

Ouve-se apenas ao longe o grito da araponga estridulo e cortante o brando trinar do meigo sabiá ou o murmurar das arvores batidas pelo vento.

Sob este agreste palpitar de folhas, como é doce deixar que corram livres as lagrimas da saudade, que banhe-se a alma em sonhos, subtis, chimericos, e o coração s'inflame em castos desvaneios!

Depois a phantasia colora com tintas ideaes, quadros saudosos, sublimes e patheticos.

Um anjo porém, nelles se destaca, um anjo de caricias de amor e de ternura.

Me ergue a cabeça pensativa, enxugando o pranto que corre pelas faces num beijo demorado.

Esse anjo tutelar de amor e de caricias, esse anjo consolador, sublime, sois Vós, oh! minha Mãe!

JOVINA DE CAMARGO.

Pilherias.

Nossos creados!

José, si alguem vier procurar-me, diga que estou de passeio.

—Sim Senhor!

Um amigo chega instantes depois: Aborrece-me, disse José ao visitante, pois meu amo está de passeio!

Com sua senhora?

Não senhor.

Commigo.....

Nas presilhas de um gabinete: São papeis de negocio, minha senhora? pergunta o empregado:

Sim senhor.

Sem valor?..

Sem algum valor, meu cônjuge, to de casamento.

